

SEMANA

48

# 1 Dia

1 João 2.26-27

## Deus Pode Torná-lo Sábio

*“A sua unção vos ensina a respeito  
de todas as coisas ...”*

**1 João 2.27**

Como amigo e conselheiro, procuro ouvir com atenção as pessoas com o ouvido interior e exterior – com um, ouço o que dizem, com o outro, ouço o que Deus possa estar dizendo a elas. Meu objetivo não é dar conselhos, mas ajudar a pessoa a esclarecer um problema ou oportunidade e então receber a estratégia de Deus para os passos seguintes.

Todos nós temos decisões a tomar. As alternativas muitas vezes são ilusórias e confusas. Temos de avaliar as pessoas e o seu potencial. Todos nós necessitamos urgentemente de liderança para nossos alvos de curto e de longo alcance. Acima de tudo, precisamos da visão iluminadora nos planos de Deus para nossa vida.

Oro constantemente por mim mesmo e pelos outros, pedindo sabedoria. E Deus não demora a responder. Muitas vezes ele está mais disposto a nos dar o dom do que nós a pedir.

A unção do Espírito Santo concede sabedoria. Mais do que sagacidade humana, a sabedoria é o que recebemos quando todas as nossas faculdades intelectuais e intuitivas estão sob o controle do Senhor que habita em nós. Ele nos dá a capacidade de perscrutar as profundezas da natureza divina, descobrir seus propósitos e discernir sua vontade específica para nossa direção e decisões diárias. O Espírito revela o mistério de Deus e aumenta nossa capacidade de ver o que ele está fazendo no mundo e como podemos cooperar com ele.

A aplicação prática da sabedoria é o discernimento, que é sabedoria em operação. Não há decisão tão grande nem dificuldade tão pequena que o charisma do Espírito não nos dê o de que precisamos a fim de maximizar todos os dias de nossa vida.

João queria que seus amigos reclamassem o dom da sabedoria que era deles por meio da unção do Espírito. Os cristãos haviam se tornado defensivos sob os ataques arrogantes dos gnósticos. Os filósofos diziam ter uma sabedoria esotérica e secreta acerca da vida e de Deus. Disse o apóstolo com severidade: *“Isto que vos acabo de escrever é acerca dos que vos procuram enganar. Quanto a vós outros, a unção que dele recebestes permanece sobre vós e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permaneci nele, como também ele vos ensinou”* (1 João 2.26-27).

A unção vos ensina a respeito de todas as coisas. Que grande promessa! Desejamos reivindicá-la neste capítulo examinando o significado bíblico da sabedoria. Minha intenção é que recebamos, experimentemos e empreguemos a sabedoria que Deus oferece. A sabedoria

é a dobradiça decisiva sobre a qual se abre a porta gigantesca que libera o fluir do poder de Deus em nossa vida. Capacita-nos a saber como orar, o que fazer, como nos relacionar com as pessoas e como captar o potencial ilimitado de nossos anos.

Se Ihe fosse permitido pedir um dom a Deus, além do amor que é nosso sem precisarmos pedir, o que pediria? Foi essa a pergunta que o Senhor fez a Salomão em um sonho, no começo do seu reinado sobre Israel. Salomão tinha ido a Gibeom com um imenso desafio à sua frente. Herdara o reino de seu pai, Davi. Daria ele conta das exigências? Poderia ele reinar com o discernimento e carisma que viu em seu pai? Possuía ele a capacidade necessária? Ele temia não ter o poder e a habilidade de liderança que o Senhor e Israel precisavam dele. Tremendo de medo da impossibilidade, Salomão foi adorar em Gibeom. Diz-nos a Bíblia que ele *“ofereceu mil holocaustos naquele altar”* (1 Reis 3.4). Isso significa que o privilégio da liderança o levou a orar ao Senhor.

Foi enquanto ele estava lá que o Senhor fez uma oferta espantosa ao indeciso rei: *“Pede-me o que queres que eu te dê”*. Como é que você teria respondido? Podemos nos identificar com a cautela da resposta de Salomão. Como o jovem monarca, também encaramos impossibilidades e tarefas que vão além de nossas forças. Pelo menos, devíamos! Deus nunca faz essa oferta até que tenhamos assumido um desafio que, com nossos próprios recursos, não podemos desempenhar. Ele nos pressiona constantemente para a aventura da vida, a situações que não podemos preencher, problemas que não podemos resolver, complexidades que não podemos compreender.

Para você, o que é? Focalize, com os olhos da mente, o relacionamento em que você está sendo ajustado por compaixão e compreensão, a tarefa que desafia resoluções, a dificuldade que zomba de sua ineficácia. Agora ouça a voz do Senhor! *“Pede-me o que queres que eu te dê.”* A resposta de Salomão não foi volúvel. Ele escolheu suas palavras com cuidado. O jovem havia aprendido o segredo da grandeza de seu pai. Davi era conhecido como um homem segundo o coração de Deus. Isso queria dizer que ele possuía um coração que buscava o coração de Deus e era submisso a ele. A perspicácia intuitiva de Davi provinha de uma intimidade intensa com Deus. O salmista conhecia o perdão do amor de Deus e o poder que o louvor tem de destrancar o potencial divino. Davi foi um dos maiores pecadores e um dos maiores santos do Antigo Testamento. Ele foi um homem segundo o coração de Deus em suas épocas de necessidades, um homem cujo coração foi formado, muitas vezes, de acordo com a graça de Deus. Por seus fracassos e também por seus triunfos, Davi deu a Salomão a dádiva mais importante que um pai pode oferecer ao filho: conhecimento de que o coração da necessidade é a necessidade do coração; e que o coração do assunto é saber quem é senhor do coração.

E assim, Salomão disse a Deus que desejava um coração como de Davi. Ele também queria ser um homem, um rei, um líder segundo o coração de Deus. Veja seu pedido: *“Dá, pois, ao teu servo, coração compreensivo para julgar o teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal; pois, quem poderia julgar a este grande povo?”* (1 Reis 3.9).

O coração para os hebreus significava o intelecto, as emoções e a vontade. Era o âmago do ser humano. Salomão queria do fundo do coração ser completa e totalmente obediente à vontade de Deus para que pudesse reinar com prudência e sabedoria. A palavra

“*compreensivo*” significa ouvir – um coração que ouve. E usada aqui com o sentido de ouvir e obedecer. Salomão desejava ser receptivo a tudo o que Deus tinha para dar.

Mas o jovem rei não queria um coração compreensivo para seu próprio deleite. Ele ansiava ser receptivo para que pudesse discernir o que era o bem e praticá-lo. Ao pedir um coração compreensivo, a fim de obedecer, ele pedia o dom espiritual da sabedoria. Que Deus respondeu à sua oração evidencia-se pelo fato de que a sabedoria se tornou sinônimo de seu nome. A “*sabedoria de Salomão*” pontilha sua época na história.

Sabedoria é a nossa maior necessidade de hoje. Precisamos dela para nossas responsabilidades e relacionamentos. E a qualidade que falta na maioria dos líderes, o ingrediente que falta na sociedade, o motivo da impotência e inépcia da maioria dos cristãos.

Cultuamos no altar do fato, colocamos nossas oblações no altar do conhecimento e curvamos os joelhos à capacidade de solucionar os mistérios da vida. Vivemos como pobres mentais porque temos falta do poder da sabedoria.

A verdadeira sabedoria não pode ser ganha nem adquirida pelo esforço humano. Nem tampouco é reservada para a velhice, ou resultado apenas da experiência. Podemos viver longamente e espremer o fruto da vida até secá-lo e não ter sabedoria. Sabedoria é dádiva. É doada por Deus, concedida em comunhão com ele e infundida por seu Santo Espírito. Ultrapassa as habilidades adquiridas. É mais profunda que a perspicácia e mais profunda que a aprendizagem.

Você possui a dádiva da sabedoria? Você pode possuí-la! O primeiro passo para a grandeza, eficácia e poder interiores para a vida é a sabedoria. Você pode receber esse dom hoje. Neste instante. Você pode ter um coração compreensivo e cheio de sabedoria! Sabedoria é sinônimo da energia criadora de Deus. É outro termo para Logos, ou Palavra de Deus, mediante quem o Senhor criou e sustém o universo. Salomão aprendeu isto e partilhou sua descoberta no seu livro de sabedoria. Os seus provérbios. “*O Senhor com sabedoria fundou a terra, com inteligência estabeleceu os céus. Pelo seu conhecimento os abismos se rompem, e as nuvens destilam orvalho*” (Provérbios 3.19-20).

Essa mesma sabedoria chamou e nomeou Israel para ser seu povo. Israel foi abençoado de sorte que pudesse ser uma bênção para toda a humanidade. Os grandes líderes de Israel se tornaram os homens e mulheres espetaculares que foram, não por causa da habilidade e sagacidade humanas, mas por terem recebido o dom da sabedoria.

Mas essa sabedoria sempre foi recebida em época de crise por causa da exaustão da criatividade deles. A impossibilidade os levava de volta à comunhão com Jeová. Em resposta, era-lhes concedida a sabedoria. Batalhas foram travadas, o êxodo realizado, o Mar Vermelho aberto, a terra prometida reivindicada, o reino estabelecido – tudo por causa de gente como Abraão, Moisés, Gideão, Davi e Salomão, que foram ao extremo de si mesmos e encontraram a sabedoria esperando-os ali.

## **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 2 Dia

I João 2.26-27

## Deus Pode Torná-lo Sábio II

*“A sua unção vos ensina a respeito  
de todas as coisas ...”*

**1 João 2.27**

Salomão o disse com clareza: *“O temor do Senhor é o princípio do saber”* (Provérbios 1.7). Assombro e espanto em face da insuficiência humana é o prelúdio inegável da sabedoria. Quando fazemos tudo o que podemos, quando os fatos não apresentam solução, quando nosso vazio é confessado e a arrogância da vontade é exposta, a sabedoria é recebida. Nunca antes.

Jó foi levado a admitir esse fato. *“Mas, onde se achará a sabedoria? E onde está o lugar do entendimento? O homem não conhece o valor dela, nem se acha ela na terra dos viventes (...) Donde, pois, vem a sabedoria, e onde está o lugar do entendimento? Está encoberta aos olhos de todo o vivente, e oculta às aves do céu. O abismo e a morte dizem: Ouvimos com os nossos ouvidos a sua fama”* (Jó 28.12-13; 20 e 22).

O abismo e a morte: como é que dariam eles uma palavra de sabedoria? É nos limites da existência humana – no ponto da insuficiência, quando encaramos a limitação de nossos recursos – que a sabedoria é distribuída. Como explica Paul Tillich: *“Não pode haver sabedoria sem um encontro com o que é santo, com aquilo que cria espanto e sacode o viver e pensar comuns. Sem a experiência do pasmo perante o mistério da vida, não há sabedoria.”*

O experimentar nossa finitude é o princípio da sabedoria. Então podemos encarar nossas limitações e orar pedindo ajuda. Você e eu somos mais ricamente abençoados quando as crises e desafios da vida nos levam ao lugar em que podemos clamar: *“Senhor, ajuda-me! Isso é maior do que eu! Não sei o que dizer, fazer, nem ser”*. É o momento de quebrantamento que leva à inteireza da sabedoria.

O mundo cambaleava à beira do desespero na maré mais baixa da história quando a sabedoria se fez carne em Jesus Cristo. O Deus Santo e eterno – criador, sustentador e Senhor que guia a história – veio em resposta a uns poucos fiéis cujo clamor era: *“Ó vem, ó vem Emanuel”*. Em Jesus de Nazaré, a sabedoria habitou corporeamente. Lucas registra esta dádiva espantosa: *“Crescia o menino e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele”* (Lucas 2.40). E *“crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens”* (Lucas 2.52). A sabedoria de Jesus espantava as pessoas aonde quer que ele fosse. *“Onde foi que este homem conseguiu esta sabedoria e estes sinais poderosos?”* Ele era a sabedoria de Deus feito carne, mas apenas os mansos e humildes o receberam. *“Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que creem no seu Nome”* (João 1.11-12). Os que se

recusaram a recebê-lo pregaram-no em uma cruz. Arrogância, autossatisfação, orgulho na religião e compreensão humana sempre fazem isso com a sabedoria.

Mas esse não foi o fim da questão. A igreja primitiva olhou para a encarnação e compreendeu que a cruz foi a revelação última da sabedoria de Deus e sua única fonte de experiência. Paulo enunciou esse fato em sua epístola aos Coríntios. *“Certamente a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. Pois está escrito: destruirei a sabedoria dos sábios, e aniquilarei a inteligência dos entendidos. Onde está o sábio? Onde o escriba? Onde o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem, pela loucura da pregação. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam a sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens”* (1 Coríntios 1.18-25).

O que significa isso para você e para mim? Apenas isto responde à pergunta de Jó: *“podes tu, procurando, encontrar a Deus?”* Não! – essa é a mensagem altissonante de Paulo – nem tampouco pelo fato de ser religioso ou erudito. Não podemos ganhar conhecimento de Deus mediante nosso esforço. Ele veio até nós. Ele nos disse quem é e nos contou qual é a única maneira de podermos conhecê-lo. A cruz é a sublime revelação do mistério anteriormente oculto de sua natureza de amor e perdão.

Isso é escândalo para os religiosos e expõe nosso orgulho. Não podemos ganhar status com Deus. O amor inclusivo de Deus, livremente oferecido na cruz por nossos pecados, finalmente exclui nossa autojustiça. Como é que pode alguém que acabou numa cruz revelar Deus a nós? Queremos sinais que mostrem o seu poder, não sofrimento. Somos levados ao abismo da insuficiência, à morte de nossa arrogância. Falhamos em apresentar bondade suficiente. Deus dá a conhecer sua presença e poder com a convicção irresistível no ato da vontade mediante o qual nos rendemos, sem reservas, ao Altíssimo que conhecemos. Possuímos a sabedoria quando nos tornamos possuídos por Deus. É aí que a sabedoria é concedida. A cruz é tolice para o intelectual que crê que o pensamento claro pode captar a verdade a respeito de Deus. Todo o nosso conhecimento não pode resolver a questão de nossa existência nem nos dar poder para vivermos com abundância. Os gregos de outrora pensavam que Deus era todo bem, e a matéria má. Como é que um Deus bom poderia assumir a natureza má na encarnação? E como poderia a morte de um homem na cruz revelar Deus? Ou por que a pessoa precisa de um Salvador se ela não se considera pecadora? É isso aí. Tolice, deveras! A fonte secreta ainda é o coração que ouve. Humildade é o único caminho. É a virtude que nasce ao pé da cruz.

A cruz não é apenas a revelação final e suprema do coração de Deus: é o prelúdio da exposição do seu poder. A crucificação é irrevogavelmente acompanhada da ressurreição. A morte de Cristo lida com o nosso pecado; a ressurreição, com nossa impaciência.

Agora chegamos ao centro de tudo. O ciclo da morte e ressurreição é o segredo da sabedoria. A cruz é então e agora. Se não foi então, não pode ser agora. Mas se não é agora

como uma experiência pessoal, o que foi então perde o seu poder para nós. A vida cristã começa não apenas com a aceitação da morte de Cristo por nossos pecados; é capacitada pela morte de nossos próprios esforços, esquema, manipulação e autorretidão. Paulo disse: *“Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim”* (Gálatas 2.20). E, *“fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida”* (Romanos 6.4). É aqui que tudo tem início e é a maior crise da vida: a crucificação do ser, a rendição de nossas vidas, a abertura de nossos corações. É, também, então que o Senhor ressurreto, redivivo faz de nossos corações seu lar de após – ressurreição. O que diria você? Cristo vive em você? Ele morreu por você!

Ele ressuscitou por você! Ele criou o seu coração – a combinação da mente, da emoção e da vontade – para ele mesmo. Você pertence a ele! Ouça o que Paulo lhe diz: *“Cristo é a fonte de vossa vida a quem Deus fez nossa sabedoria (...) o mistério que estivera oculto por séculos; Cristo em vós, a esperança da glória”* (Colossenses 1.26).

O próprio Cristo, habitando em nós, é a fonte de nossa sabedoria. Nossas mentes podem receber a mente de Cristo, nossas emoções podem ser infundidas com seu amor para que possamos ser para os outros o que ele tem sido para nós e nossas vontades possam receber o poder de discernir e fazer a vontade dele. Já não precisamos tomar decisões incertas. Podemos receber o precioso dom da sabedoria que nos dará a perspectiva de nosso Senhor para todas as nossas incertezas e complexidades.

Veja o entusiasmo de Paulo a esse respeito. *“Mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória”* (1 Coríntios 2.7). *“Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus. Ora, nós temos recebido (...) o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente. Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais (...) temos a mente de Cristo”* (1 Coríntios 2.10-13; 16).

Agora os problemas se tornam a fonte de novas possibilidades. Paulo alcança o clímax de sua apresentação quando afirma que todas as coisas são nossas. *“Porque tudo é vosso: seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus”* (1 Coríntios 3.21-23).

A sabedoria é o primeiro dos dons concedidos ao coração que ouve. Na relação dos dons do Espírito Santo, o Cristo que em nós habita, referido em 1 Coríntios 12, a sabedoria, é o primeiro e o mais importante. Paulo o chama de *“a palavra da sabedoria”*.

É assim que funciona. Quando nos abrimos ao Espírito Santo e pedimos clareza, discernimento e perspicácia para pessoas, problemas e perplexidades, recebemos a sabedoria sobrenatural para saber o que fazer e o que dizer. Saberemos como resolver problemas, o que dizer em dada situação e como nos mover por meio do labirinto de opiniões e alternativas humanas. O dom da palavra da sabedoria primeiramente é falado pelo Espírito a nossos



corações que ouvem antes que o possamos transmitir aos outros. Isso significa oração prolongada. *“Senhor, eis meu coração! O que queres que eu faça ou diga? Qual é a tua sabedoria que me ajudará a vencer esta incerteza?”*

Lembro-me de uma época em minha vida quando me esgotei emocional e intelectualmente por causa dos desafios que tive de enfrentar. Jamais me esquecerei de quando encontrei as palavras de Cristo: *“Sem mim nada podeis fazer”*. Orei: *“Senhor, não desejo tentar ter êxito sem ti”* – o abismo da incapacidade de tomar decisões e a morte do esforço próprio. Ao retornar ao meu trabalho, tinha novo vigor. Mais do que isso, percebi uma nova capacidade de penetrar os problemas, ver com a visão de raio-x sob a superfície das pessoas e proclamar incisivamente a verdade que eu tinha recebido como dádiva do Senhor.

A coisa mais emocionante que vejo acontecer em nossos dias é a liberação de uma espécie toda nova de leigos, gente que recebeu o dom da sabedoria para suas responsabilidades pessoais e profissionais.

Conversei com um famoso cirurgião de câncer em Houston, no Texas, outro dia. *“Estamos à beira de uma grande e nova vitória na cura do câncer. Mas sei que não virá como resultado de esforço científico apenas. O Senhor está nos dando o segredo que temos buscado há tanto tempo.”* A entrega recente deste homem a Cristo tem-lhe aberto a possibilidade da sabedoria que ultrapassa seu saber e habilidade imensos.

Tive uma reunião com um grupo de executivos responsáveis pela gerência de uma grande empresa. Eles se reúnem regularmente a fim de buscar a sabedoria do Senhor. Conversei com um preeminente juiz que leva as decisões extremamente dolorosas ao Senhor, em oração, pedindo sabedoria divina. Ele dá testemunho de intervenções frequentes do Senhor que lhe deram a sabedoria de que precisava.

Outro dia visitei um destacado educador. Ele enfrentava o desafio de como construir uma universidade que prepararia os líderes para as complexidades de nossa época. Ele disse ter-se afastado de suas responsabilidades por um longo período a fim de pensar e orar. Ele orou a Deus pelos alvos de um, dois, três e cinco anos para sua universidade. Em meditação, recebeu sabedoria para ver a estratégia futura se desenrolar. E está acontecendo da maneira que o Senhor lhe disse que iria acontecer.

Tenho falado com pais que pediram sabedoria e ficaram espantados com a nova visão e discernimento que tiveram por sua família. Conheço um psiquiatra que ora durante todo o tempo de seus aconselhamentos, pedindo a sensibilidade penetrante e empatia. Ele afirma que é enquanto ora e ouve que lhe vêm os pensamentos-chave para a cura da pessoa perturbada.

Há um instante sagrado em toda pesquisa, esforço em resolver um problema ou busca de direção. Ele vem depois de fazermos a nossa tarefa, de termos ajuntado os fatos e feito o melhor que podíamos. E o momento do grande. *“Ah! De súbito as coisas entram em seu devido lugar. Um particular, um fato aparentemente insignificante que tínhamos deixado de lado, uma visão ainda não descoberta, e dizemos: Ah! Por que nunca pensei nisso?”* O dom da sabedoria foi entregue.

Tiago diz: *“Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e nada lhes impropria”* (Tiago 1.5). Deus está mais pronto a dar a sabedoria do que nós a pedir. Tiago também fala da mansidão da sabedoria (3.13). Eis novamente a condição da humildade! A palavra mansidão tem o sentido de estar disposto a ser dirigido. A palavra grega para manso, praus, é usada para descrever o animal que foi domesticado e treinado para obedecer às ordens e ao toque das rédeas de seu dono. Os gregos também usavam a palavra manso para o oposto de hupselokardia, que significa altivez ou resistência arrogante ao ensino. Sem percepção de nossa ignorância não pode haver aprendizagem. Quintiliano, grande orador romano, disse de seus alunos: *“Sem dúvida seriam excelentes alunos se já não estivessem convencidos de seu próprio conhecimento”*. Mansidão é a humildade de saber que precisamos de perdão, da cruz e do dom da sabedoria do Senhor que habita em nossos corações. E a promessa do Senhor é certa e irrevogável: *“Bem-aventurados os mansos porque herdarão a terra”*.

Completamos o círculo e chegamos novamente à oração de Salomão por um coração compreensivo. Um coração que ouve, recebe, que é cheio do Espírito e sábio. É isso o que você pediria ao Senhor se ele lhe concedesse um único pedido?

João quer que saibamos que a sabedoria não é apenas para pedirmos, mas é para nosso uso. A sabedoria já foi dada. O problema é a unção. Se já a recebemos do Senhor, ele habita em nós. Nossa oração, pois, deve ser: *“Senhor, obrigado por permaneceres em mim. Sei que pertences a ti e que todos os meus dias estão em tuas mãos. Ajuda-me a apropriar-me da sabedoria que me deste”*.

Podemos partir ao encontro de nossos desafios hoje sabendo que o dom da sabedoria será dado. Podemos antecipar e graciosamente aceitar o fato de que Deus nos tornará sábios!

#### **ORAÇÃO PARA O DIA:**

*“Sabedoria infinita, sabes o quanto necessitamos da perspectiva de teu plano e propósito para nós hoje. Em nossas responsabilidades e relacionamentos devemos tomar decisões e fazer avaliações decisivas. Nossa vida, e as pessoas que amamos, dependem da sabedoria que recebemos de ti. Dá-nos a confiança segura do apóstolo João de que fomos ungidos e que, portanto, tua sabedoria nos é disponível. Precisamos de humildade para reivindicar o que é nosso e de audácia para seguir a direção que tu nos dás. Obrigado por nos tornares sábios hoje. Em nome daquele que foi a Sabedoria encarnada e em nós habita. Amém!”*

#### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 3

## Dia

| João 3.1-3

Você Pode Imaginar

*“Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é.”*

1 João 3.2

Recentemente, fiquei espantado por um enorme cartaz, que, em letras garrafais propunha outra pergunta: “Se você tivesse de perder uma de suas faculdades, de qual sentiria mais falta?” Enquanto dirigia, meditei longamente nessa pergunta. Qual teria sido a sua resposta? Vista? Olfato? Audição? Pensei na possibilidade de ficar sem alguma delas. Você gostará de saber que não fechei os olhos a fim de experimentar a sensação de estar cego.

Duas coisas competiam pelo primeiro lugar do que eu gostaria de perder por último – memória e imaginação. Ambas fazem parte da capacidade de pensar. Mas pensar sem ambas seria monótono e insípido. Então cheguei à conclusão de que memória e imaginação estão inseparavelmente relacionadas. O que ousamos imaginar é baseado na recordação de imaginações realizadas no passado. Segurança capacita à aspiração.

João queria que seus amigos descobrissem o dom da imaginação a fim de fazerem um quadro mental do que poderiam vir a ser. Ele toca as três dimensões do tempo. Em retrospecto, poderiam ver o que Deus tem feito por eles. “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, ao ponto de sermos chamados filhos de Deus.” O presente, portanto, estava repleto de segurança confiante. “Amados, agora somos filhos de Deus.” Com base nesse fato, eles podiam ter esperança no futuro. “Ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é.”

Agora é sugerido o poder secreto da imaginação. “E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro.” A imaginação purifica nosso propósito, centraliza nossa atenção em Cristo e nossa esperança de nos tornarmos como ele. Alvos menos importantes são purgados. Kierkegaard nos diz que pureza de coração é querer uma única coisa. O crente, segundo João, a si mesmo se purifica em movimento progressivo na direção de Cristo e na semelhança com ele. As impurezas de lealdades conflitantes são atiradas longe, como refugo, quando colocamos Cristo no centro de nossa visão. A capacidade singular da imaginação é nos tornar à semelhança de Cristo em pensamento, ação e reação. Abramos o presente especial que Deus nos tem dado.

Considere primeiro que o dom da imaginação é o ponto de contato com o Espírito Santo. O Deus que a todos criou nos faz recipientes da graça e aventureiros no plano que tem para nós e para seu mundo. A capacidade de formar, segurar e alcançar imagens mentais é o dom divino da imaginação. Um encontro com o Deus vivo resulta na reforma de nossa imagem. Foi com imaginação que ele nos criou à sua imagem e, por meio dos séculos, ele interpôs na mente dos homens o que ele queria que seu povo fosse. Quando ele veio em carne, na pessoa de Jesus de Nazaré, deu-nos a imagem de sua semelhança e o que devíamos ser. O apóstolo Paulo meditou nisso e disse: *“Ele é a imagem do Deus invisível”* (Colossenses 1.15). *“Porque aprouve a Deus que nele residisse toda a plenitude, e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus”* (Colossenses 1.19-20).

A vida cristã começa quando imaginamos (temos uma percepção, visão) a nós mesmos sendo amados e perdoados, aceitos e afirmados, libertados e cheios de poder. Cristo é nossa imagem. Quanto mais ele se torna o centro de nossa atenção, tanto mais nos tornamos como ele é. Sabendo o que ele fez por nós, sabemos o que devemos fazer. Todos nós estamos no processo de nos tornar o que vemos em nossa imaginação.

Em segundo lugar, o dom da imaginação é a ponte que liga nossas pressuposições e nossas possibilidades. Nossa imaginação é o instrumento que Deus usa para acionar nossa experiência dele e fazer sua vontade. É o servo do intelecto e o motivador da vontade. Quando nosso conhecimento de Deus e do que ele tem feito se casa com nossa imaginação é que nasce o maior poder para a criatividade. A imaginação é o canal da resposta de Deus à indagação: *“Agora que eu creio, o que devo ser e fazer?”*. A inspiração torna-se específica mediante o dom da imaginação.

Discipulado cristão é dar uma habitação local ou um nome à verdade espiritual. O Espírito invade nossa imaginação e grava as diretrizes de nossa obediência. Cria em nosso cérebro a imagem do que pessoalmente seríamos, do que seríamos com os outros e do que faríamos na sociedade se confiássemos nele por completo. Não é magnífico? Você pode imaginar? Roger Babson tinha razão: *“O futuro tem o hábito de se tornar presente”*. É por isso que João insta conosco a que fixemos nossa esperança em Cristo. Charles Kettering disse: *“Espero gastar o resto de minha vida no futuro, de modo que desejo estar razoavelmente certo de que tipo de futuro ele será. É essa a razão de meus planos!”* A imaginação é o desenhista desses planos. Alguns dizem que o futuro é comprado pelo presente. João nos diria que o que experimentamos no presente depende do que temos em vista para o futuro.

Isso leva a um terceiro pensamento acerca da imaginação inspirada pelo Espírito Santo. E o dom de crer no impossível em meio a mudanças e circunstâncias difíceis. Os profetas da desgraça muitas vezes competem pelo foco de nossa imaginação. A capacidade de imaginar é neutra. Ela pode refletir pressuposições negativas tão vivamente como a visão positiva de Deus.

Imagens negativas cercavam as imaginações dos crentes primitivos a quem João escreveu. As filosofias dos gnósticos contradiziam a encarnação em cada ponto. Não apenas negavam que Jesus fosse o Filho de Deus, mas insistiam em que ele não viveu na carne nem morreu na cruz. A imaginação cristã sem uma fé clara e vívida na cruz é impotente. Se Cristo

não morreu por nossos pecados e não ressuscitou, que esperança temos para enfrentar nossas ansiedades e frustrações? A distorção tentadora que o leitor de João enfrentava era que Deus não se importava com os problemas da humanidade nem deles participava. O resultado era a tentação de esperar pouco demais de Deus. João foi incisivo em sua resposta: *“Por essa razão o mundo não nos conhece, porquanto não o conheceu a ele mesmo”*.

Enfrentamos o mesmo problema. É difícil manter uma imaginação inspirada pelo Espírito tendo pessoas ao nosso redor que possuem pequena visão do que Deus pode fazer. Mudanças e escolhas podem se equiparar ao colapso ou à criatividade. A única constante da vida é a mudança. Mudança é vida. Nossas escolhas em resposta a essas mudanças determinam nossos amanhãs. Henry T. Kaiser costumava dizer que quando um trabalho difícil e desafiador tinha de ser feito, ele procurava uma pessoa que possuía entusiasmo e otimismo pela vida, que atacava com altivez e confiança a seus problemas diários, que subjugava seu espírito flutuante com planos cuidadosos e esperança vibrante. Nós temos de ser essa espécie de pessoa uns para os outros.

Um dos oficiais idosos mais inspiradores de nossa igreja é Robert Hicks. Ele tem ajudado centenas de pessoas a readquirir o poder da imaginação. Como psicólogo, ele tem levado seus pacientes a descobrir a pessoa que Deus queria que eles fossem e a ousar fazer um quadro mental do que poderiam vir a ser.

No início de meu ministério em Hollywood, o Dr. Hicks enviou-me um poema de autor anônimo que me tem sido uma fonte de imaginação reativada:

*Todas as Coisas São Possíveis  
Cheios de esperança estranha e nova eles vêm,  
Cegos, leprosos, enfermos e coxos.  
Fracos de corpo e gastos de alma ...  
Todos os que o tocaram foram sarados.  
Em cada língua o nome do Curador,  
Por todo o país espalharam-lhe a fama,  
Mas a dúvida apegou-se à sua muleta,  
Dizendo: “Não devemos esperar demais.”  
Através dos séculos veio a promessa,  
Cura para a dor, pecado e vergonha,  
Ajuda para os inseguros e vista para os cegos,  
Cura para o corpo, alma e mente.*

O Cristo a quem seguimos é ainda o mesmo, com bênçãos que todos os que desejarem podem reivindicar. Mas quantas vezes perdemos o toque de curar do amor, ao pensar: *“Não devemos esperar demais.”*

Leon Tolstoy disse que a familiaridade é o ópio da imaginação. É isso que nos leva a esperar muito pouco de Deus e, portanto, tentar muito pouco para ele. O que James Weldon Johnson pediu em oração pelo pregador em *“Ouça, Senhor!”*, eu oro por você e por mim:

*Ponha seus olhos no telescópio da eternidade,  
E deixe-o olhar nas finas paredes do tempo.  
Senhor, acende-lhe a imaginação,  
Enche-o com a dinâmica do teu poder,  
Unge-o com o óleo de tua salvação,*

*E ateia fogo à sua língua.*

Por último, a imaginação torna possível a capacidade de crer que o melhor ainda está por vir. Você crê que a época mais excitante de sua vida está pela frente? Esse é o verdadeiro teste de um cristão imaginativo. Podemos viver na viabilidade da confiança de João de que *“ainda não se manifestou o que havemos de ser”*. Não é preciso nos preocupar! Veremos mais de Cristo em tudo o que acontece conosco e ele tudo usará a fim de nos tornar mais semelhantes a ele. A ressurreição é a fonte de nossa confiança. O túmulo vazio é nosso símbolo de que Deus levantou a Jesus dentre os mortos, que ele invadirá todos os nossos amanhãs por intervenções inesperadas. Dorothy Sayers disse com seu irresistível vigor: *“A ressurreição fez com que o mundo palpitasse com novas possibilidades”*. E nossas imaginações liberadas, cheias do Espírito, agarrar-se-ão a essas possibilidades.

Eis a dica, Blanche. *“Você pode imaginar?”* Bem, nós podemos?

#### **GUIA PARA O USO CRIATIVO DA IMAGINAÇÃO NA ORAÇÃO:**

- O ouvir criativo é a essência da oração.
- Concentre sua atenção total em Deus.
- Descontraia o corpo. Deixe livre suas emoções para que respondam.
- Revise mentalmente quem Deus é.
- Diga as palavras que descrevem a sua natureza.
- Agradeça-lhe o que ele revelou de si mesmo em Jesus.
- Repita os nomes de Jesus à medida que se lembrar de seu nascimento, vida, mensagem, morte, ressurreição, volta em poder no Pentecoste.
- Permita que seu coração se eleve em adoração.
- Agora confesse seus pecados. Pecado é tudo o que se interpõe entre você e ele ou entre você e qualquer outro ser humano. O que você fez ou deixou de fazer. Conte-lhe tudo.
- Agradeça-lhe o seu perdão. Imagine-se ao pé da cruz vendo-o sofrer por você! Graça espantosa! Gratidão.
- Agora derrame todas as suas necessidades perante ele. Peça-lhe que fale com você a respeito do que ele quer que você seja e faça.
- Que coisas específicas ele lhe diz? Escreva-as! Medite nelas. Comprometa-se a obedecer.
- Peça que Deus dê brilho à sua imaginação e remova as camadas de reservas envernizadas.

A seguir entre no seu futuro. Imagine-se a si mesmo cheio de alegria, amor e coragem de Cristo. Agradeça-lhe a visão que ele dá à sua imaginação para o futuro na imagem de Cristo.

#### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 4 Dia

| João 3.4-10

## Vencendo a Síndrome

*“Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente.”*

**1 João 3.9**

Um cristão recém-convertido veio me ver por causa do seu problema com o desânimo. Disse-me que ao entregar a vida a Cristo esperava ser completamente diferente. A possibilidade de se tornar uma nova pessoa em Cristo o havia atraído. A pessoa que o ajudara a se tornar crente prometeu-lhe uma mudança repentina em sua vida. Ele tinha ouvido falar das transformações miraculosas na vida de outras pessoas. O homem esperava o mesmo para si.

Ao entregar minha vida a Cristo – disse ele –, senti uma alegria e emoção imediatas. O perdão do Senhor me ajudou a lidar com meus fracassos e pecados do passado. Senti-me amado e aceito. O deleite de meu relacionamento recém-descoberto durou e cresceu até a semana passada. Então caí! A excitação emocional se esvaiu.

Tendo ouvido afirmações como essa centenas de vezes, comecei a buscar a razão da alegria diminuída do homem. Não me foi surpresa ele dizer que tinha prejudicado um relacionamento muito importante em sua família: – Eu agi como costumava fazer antes de me tornar crente. Disse e fiz coisas que pensei que jamais diria ou faria de novo. Talvez eu realmente não me tenha tornado crente. Como é que pude fazer isso se tenho a Cristo? Por que é que leva tanto tempo para crescermos como cristão?

Parece familiar? Já se sentiu assim? Todos nós já passamos por isso. A maioria de nós ficamos alarmados com o que fazemos, em face do que cremos que deva ser a vida cristã. Nossos fracassos diários nos fazem questionar nossa entrega. Isso leva ao falso pensamento de que se tivéssemos mais fé poderíamos alcançar a perfeição permanente.

Lendo a carta de João compreendemos que o problema do crescimento cristão existe há muito tempo. Na primeira leitura, parece haver contradição nas admoestações de João. Algumas nos confortam e outras nos perturbam. No primeiro capítulo somos desafiados a admitir e confessar nossos pecados. *“Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso e a sua palavra não está em nós”* (1 João 1.8-10). Essa é uma segurança confortadora. Somos como os primitivos cristãos. Nós também conhecemos o problema do fracasso depois de nos tornarmos cristãos. Talvez não sejamos tão ruins, afinal de contas. Sempre haverá distância entre o que cremos e quão completamente podemos viver o amor de Cristo em nossos relacionamentos.

Mas então lemos 1 João 3.4-10. Ficamos a indagar se isto foi escrito pelo mesmo autor. Parece diametralmente oposto ao que ele disse antes. Mais que isso, João nos faz uma exigência que sabemos não poder atingir. Chega a dúvida. Quem pode alcançar o nível de perfeição sugerido aqui? O que fazemos com isso?

*“Sabeis”, disse João, “também que ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não existe pecado. Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu. Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo. Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do diabo. Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus”* (1 João 3.5-9). Isso desfaz toda a segurança calma. A princípio nos sentimos condenados e depois frustrados pela impossibilidade do requisito aparentemente rígido do apóstolo. Queremos ser honestos. Todos nós sabemos que desde que começamos a vida cristã, temos pecado. De fato, muitos de nós temos crescido à medida que reconhecemos nossos pecados e permitimos que Cristo nos amasse de novo. Portanto, o que vamos fazer com esta porção das Escrituras?

Devemos mergulhar mais profundamente no que João queria dizer. As duas porções de sua carta, na realidade, são duas partes de uma verdade central. Os dois primeiros versículos do capítulo 2 são uma ponte que liga duas mensagens aparentemente conflitantes. Eis a chave para desvendar o mistério: *“Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro”*. Viva! As coisas podem não ser tão sombrias quanto imaginávamos.

A forma verbal da injunção para que não pequemos é importante nesta passagem. Encontra-se no tempo aoristo, que indica um ato de pecado específico, definido e particular. Somos encorajados a não praticar estes pecados determinados de pensamento ou ação. Mas quando pecamos, temos Cristo ao nosso lado para nos ajudar a confessar o que aconteceu e nos dar certeza do perdão. Todos pecamos – miseravelmente e com frequência. A propiciação renovadora está apenas à distância de uma oração. Então nos vem a compreensão: quanto mais somos perdoados, tanto menos desejamos praticar estes atos individuais de rebeldia.

Na passagem do terceiro capítulo, usa-se um tempo diferente para o verbo pecar. Note o versículo 9 em particular. O verbo se encontra no presente do indicativo linear ativo, significando uma ação constante, consistente e compulsiva. É este o tipo de pecado de que fomos libertos. Fomos libertos do pecado habitual como o desejo dominante de nossas vidas. Passaremos por lapsos temporários, mas nossa conversão significou uma demarcação dramática, uma viravolta. Voltamos de uma vida que se movia para longe de Deus a uma vida que cada vez mais se aproxima dele. Nossa paixão agora é glorificar a Deus e desfrutar dele em todas as coisas. Pode haver atos separados que nos alarmem e mostrem que ainda somos barro que está sendo moldado, mas a mão do Pai constantemente nos forma à imagem de Cristo.



Meu amigo, o cristão novo, é um bom exemplo das duas formas verbais que João usa. Ele havia cometido uma espécie de pecado. Mas isso não queria dizer que sua nova vida tivesse terminado. Ainda estava sob a graça. A intenção básica de sua mente e coração era amar assim como fora amado pelo Salvador. Seu fracasso, nesta área, simplesmente ajudou-o a ver que era uma pessoa em formação. O sinal seguro de que Cristo havia tomado conta de sua vida foi que ele reconheceu o que fez e desejou obter perdão. Ele passava por dores de crescimento espiritual. O que antes nunca o teria levado a pensar duas vezes, ou teria justificado em sua defesa, agora via como uma contradição de seu propósito básico de ser comunicador de amor. Como Paulo, ele podia se esquecer do que para trás ficava porque havia sido perdoado, e prosseguir para a excelente vocação de Deus.

João não tentava ensinar o perfeccionismo negativo. Ele confrontava o perfeccionismo pio de alguns dos gnósticos que alegavam que sua perspicácia esotérica os tornava sem pecados e perfeitos. Com um jogo dos tempos verbais gregos, João expôs a falsa suposição deles. Os cristãos eram os que tinham sido libertos do encarceramento do pecado habitual e compulsivo.

Acompanhemos o pensamento do apóstolo um pouco mais. Ele diz que todo aquele que *“é nascido de Deus”* já não está sob o controle de Satanás nem da influência insidiosa da resistência e rebeldia. O motivo é claro: *“Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus”*.

As palavras *“nascido de Deus”* e *“o que permanece nele é a divina semente”* contêm poderoso potencial para nosso crescimento cristão. Eis aqui a fonte de nossa esperança de pecar cada vez menos. As palavras gregas, novamente, dão-nos esclarecimentos. A semente divina foi implantada em nós. O princípio divino da vida verdadeira foi dado para a concepção da nova pessoa dentro de nós. E assim como o filho natural cresce com as características do pai que o gerou, também nós, cada vez mais crescemos na natureza espiritual de nosso Pai Celeste. A palavra natureza significa disposição e temperamento. Uma vez que a semente é plantada, o feto da nova vida começa a crescer. Ao crer, a nova pessoa nasce e começa a substituir a velha natureza com suas atitudes, disposição e temperamento. Cada vez mais nos tornamos como Cristo. É este o significado da admoestação de Paulo: *“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus”* (Filipenses 2.5). A palavra sentimento, neste caso, também significa disposição ou natureza. Outra maneira de traduzir o que Paulo disse seria: *“Tende entre vós a disposição de Cristo”*. Esse processo continua por toda a nossa vida. A obra do Senhor em nós jamais termina. A sua natureza continua a cativar e perpassar nossa velha natureza.

É esse o antídoto para o pecado. Quanto mais nos concentrarmos em Cristo, tanto mais desejaremos ser iguais a ele e fazer o que ele faria em cada situação e relacionamento.

Encontro cristãos derrotados em todos os lugares. Vivem de esforço próprio, tentando ser suficientes e perfeitos por sua própria força. A grande necessidade é de permanecerem em Cristo e que ele permaneça neles. O primeiro é o melhor que podemos fazer e, o segundo, o melhor que ele pode oferecer. Permanecer em Cristo é concentrar nossa experiência total nele. É a contemplação energética, intelectual de Cristo e das implicações da encarnação.

Todos nós precisamos pensar muito mais a respeito de Cristo. Isso libera as emoções de amor e louvor. A disposição em fazer a sua vontade segue-se naturalmente. Todos nós nos tornamos naquilo em que pensamos nas horas que passamos acordados.

Mas o concentrar-nos em Cristo é apenas o começo. Poder liberador vem da permanência de Cristo que habita em nós. De nosso interior, ele nos capacita a pensar seus pensamentos, expressar seu amor e ter a vontade de seguir a sua liderança. Sabedoria, força, sensibilidade, coragem e visão extraordinárias são nos dadas a fim de multiplicar nossas capacidades humanas. A mesma apaixonada obediência a Deus que observamos em Jesus durante seu ministério é criada em nós como desejo ardente de nossa vida. O que o Senhor requer ele libera dentro de nós como um dom.

Podemos vencer a síndrome. O Senhor quebra o laço do ciclo de fracassos. Os sinais da anormalidade da síndrome se tornam cada vez menos evidentes à medida que habitualmente focalizamos nossa mente em Cristo. Não precisamos permanecer como somos. A natureza do Senhor está crescendo em nós. Podemos escolher dar-lhe completa liberdade a fim de que domine nossos desejos. A transformação da personalidade é um milagre e devemos ser o milagre do Senhor em um mundo que anseia poder a fim de viver a vida ao máximo.

O foco do pecado que João apresenta nesta passagem tem de ver com relacionamentos. Pecado é a recusa de amar. Atos específicos de pecado são o que fazemos para magoar ou debilitar as pessoas. Mas cada vez que falhamos, somos chamados de volta ao nosso propósito essencial de nos tornarmos pessoas que amam. E o Senhor sempre está mais pronto a ajudar do que estamos a pedir a sua ajuda.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 5 Dia

| João 3.11-18

## A Criminosa Ausência do Amor

*“Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si.”*

**1 João 3.15**

A ausência de amor é assassina. É esse o ponto principal desta seção da carta de João. Podemos imaginar o alarme que esta passagem causou nas igrejas quando a carta do apóstolo foi lida aos cristãos. Ele queria assustá-los com a urgência de amar.

O desafio a que amemos uns aos outros é repetido com tanta frequência na comunhão e culto cristãos hoje que já não o ouvimos. Precisamos ler as palavras perturbadoras de João com mais do que uma familiaridade complacente. Ele nos sacode com a compreensão de que a ausência de amor aos outros pode estar contribuindo para sua morte emocional e espiritual.

Mortos ambulantes, pessoas que morrem por falta de amor – encontro-as em todas as partes. Jovens, idosos, ricos, pobres. Muitos deles provêm de famílias cristãs. Alguns são casados com cristãos. Em sua maioria são membros de igrejas cristãs. Entretanto, sua necessidade mais profunda é de experimentar o amor humano.

Deus nos chamou para sermos pessoas que amam. Ele veio, em Jesus Cristo, a fim de nos amar para que fôssemos liberados a amar como ele nos amou. Sua morte na cruz é nosso motivo e missão. Deus preenche a necessidade dolorosa de amor que criou nas pessoas, amando-nos e capacitando-nos a sermos canais humanos do seu amor aos outros. A vida é incompleta sem o seu amor curador mediante Cristo e sem o amor humano de uns aos outros. *“Porque a mensagem que ouvistes a princípio é esta, que nos amemos uns aos outros.”* A mensagem jamais muda e é o requisito irredutível de ser uma nova pessoa em Cristo. Por que, pois, nos é difícil amar? Sabemos o quanto precisamos do amor humano e divino. O que nos impede de dar o que precisamos tão desesperadamente?

João responde à nossa pergunta nos lembrando de Caim e Abel. Não devemos ser *“segundo Caim, que era do maligno e assassinou a seu irmão; e por que o assassinou? porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas”*. Caim não ficou satisfeito com a resposta do Senhor à sua oferta. Gênesis nos diz que ele se irou e seu semblante se descaiu. Eis um caso clássico de raiva, amargura e rebeldia, resultado de insegurança com o Senhor. Caim não ouviu a segurança de Deus de seu amor particularizado por ele quando Deus disse: *“Por que andas irado? E se descaiu o teu semblante? Se procederes bem, não é certo que serás aceito?”*. Ciúme e hostilidade competitiva tiveram como resultado o assassinio de Abel por seu irmão, Caim.

A pergunta mais assustadora das Escrituras é feita por Deus depois do trágico fratricídio. *“Onde está Abel, teu irmão?”* A resposta de Caim foi outra pergunta que tem ecoado por meio dos séculos. *“Não sei: acaso sou eu tutor de meu irmão?”*.

Ficamos a imaginar por que João usou um exemplo tão violento como este tirado do Antigo Testamento a fim de mostrar a urgência do amor. Talvez seja porque ele tivesse visto a mesma semente de destruição nas pessoas como as que se encontravam no Caim de outrora. A falta de amor entre os cristãos na igreja era causada pela mesma insegurança com Deus. Por que não permitiam que Deus os amasse adequadamente, não amavam uns aos outros suficientemente. Podemos assassinar o espírito da pessoa, retirando o amor. A causa é sempre uma falta de amor próprio fundado no amor de Deus por nós.

João nos força a enfrentar a dualidade de nossa natureza. Podemos crer em Cristo como nosso Salvador e Senhor, participar na igreja e fazer nossas orações e, ao mesmo tempo, revelar-nos psicologicamente incapazes de ser amados ou amáveis. Muitos de nós chegamos à maturidade com as cicatrizes da infância em nossa psique. A aceitação intelectual de uma fé conceitual não muda isso facilmente. Alguns de nós fomos profundamente feridos nos anos de crescimento. A rejeição nos torna cautelosos, introvertidos, com falta de autoestima. Esperamos que as pessoas ajam da mesma maneira em nossos anos adultos e geralmente não somos desapontados. Os pais que quase morreram pela falta de amor humano na infância inadvertidamente repetem o padrão. Os parceiros conjugais amam-se na base de quão profundamente foram amados em suas famílias.

Certa tarde, em aconselhamento, encontrei-me com uma pessoa após a outra que ou era vítima ou vitimador por causa de falta do amor humano curador. O fato assustador daquela tarde foi que todas as pessoas com quem conversei tinham bom nível educacional, eram cristãs de certa cultura e haviam sido criadas em famílias cristãs e faziam parte de uma igreja. A maioria dos problemas podia estar ligada à má nutrição emocional: casamentos desfeitos, problemas de família, adultério, insegurança, medo, relacionamentos distorcidos, suicídio em potencial. Tudo em uma tarde! No final do exaustivo dia, refleti sobre a causa da mágoa destas pessoas. Todas elas podiam verbalizar o fato de que Deus as amava, mas a necessidade psicológica de amor humano as tornava doentes, estáticos emocionais. A inquietação que senti colocou-me em contato com o que João devia estar sentindo ao escrever a passagem que agora examinamos. A outra metade do amor divino estava faltando nas igrejas para as quais ele escreveu: o amor de uns aos outros que flui do amor de Deus. Como é que João podia transmitir aos cristãos que o estar em Cristo significava amor caloroso, afetuoso e afirmador de uns aos outros?

Tendo-lhes dito que a ausência de amor é assassina, João prossegue com o tratamento de choque. A prova de que pertencemos a Cristo e estamos vivos para sempre é que expressamos amor curador aos outros. *“Mas sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte.”*

Isso força a você e a mim de volta ao diálogo. Como é que você reage à mensagem cortante e incisiva de João? Devo dizer-lhe que escrever este capítulo tem me sido perturbador. Forçou-me a avaliar minha capacidade de transmitir o amor de Deus por mim às pessoas com as quais entro em contato. Isso me levou a colocar em foco os rostos das pessoas

que precisam de uma encarnação humana do amor de Deus. Muitas delas são companheiros cristãos que lutam com a vida porque precisam sentir que são importantes para mim, que lhes dedico tempo e afeição, e que os aceito e os compreendo. Estou aprendendo a não tomar ninguém como coisa segura. Existe uma criança dentro dessas pessoas aparentemente controladas. As pessoas que trabalham ao meu redor e para mim precisam de expressões específicas do fato de que as valorizo e tenho consideração para com elas. Amigos e conhecidos me mostram a necessidade que tenho de ouvir e de me importar profundamente.

Como é que posso tocar as necessidades de tanta gente? Você já se sentiu assim? Não podemos preencher as necessidades das pessoas a menos que estejamos cheios do amor de Deus e de outras pessoas significativas em nossas vidas. Descubro que preciso da experiência constante do permanecer na oração a fim de renovar minha própria experiência do espantoso amor de Deus por mim. Além disso, Deus constantemente me renova com o amor humano de minha esposa, de minha família e de um círculo de pessoas de confiança, equipadas espiritualmente, que são agentes do amor criador que traz satisfação à alma e que vem de nosso Senhor. A experiência em *“minha igreja em miniatura”* me liberta para ser uma pessoa que ama. Não há como ir ao encontro das exigências das pessoas sem que eu me coloque constantemente em posição de ser amado e permitir que as pessoas me amem.

Ao perceber o quanto necessito dessa comunidade amada, sou renovado em meu desejo de capacitar a igreja local a ser um centro de amor. Converso com clérigos por todo o país que partilham de minha preocupação. Muitos deles têm percebido sua própria necessidade de experimentar a cura emocional a fim de se tornar calor e aceitação personificados para suas igrejas, muitas das quais se têm transformado em instituições religiosas frias. Deleita-me o número crescente de clérigos e oficiais de igreja que têm reconhecido sua necessidade de amar uns aos outros para que sejam líderes amáveis da congregação. Muitos estão descobrindo que pequenos grupos é a resposta para os crentes que morrem por falta de amor e que encham nossas igrejas. Grupos pequenos de pessoas que se unem para estudo bíblico, comunicação de necessidades e oração, estão trazendo novo calor a congregações como um todo. Recentemente conversei com um homem que encontrou força para enfrentar as batalhas da vida no amor afirmador de um grupo de homens de negócio que se reúne uma vez por semana a fim de encorajar-se mutuamente e orar uns pelos outros.

Isso me leva à receita prática de João para o preenchimento da necessidade de amor das pessoas. Ele vai além da admoestação chocante acerca da falta de amor, a fim de mostrar-nos o que fazer a respeito dela. Lembre-se de que seu conselho foi dado a crentes na igreja. *“Nisto conhecemos o amor, porque Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos.”*

Como é que podemos dar nossa vida pelos irmãos? Significa envolvimento, cuidado e abertura. Amor significa ouvir. As pessoas precisam expressar suas lutas. Anseiam ser atraídas por alguém que pode compreendê-las e examiná-las com ternura identificadora. Damos a nossa vida contando aquilo por que passamos ou enfrentamos no presente. Isso significa sacrifício de nossa privacidade e imagens de suficiência. Trancamos as pessoas numa prisão de dúvidas se criamos a impressão de que não temos problemas. Todos têm! Quando ousamos

ser vulneráveis, ganhamos o direito de partilhar as respostas que descobrimos e testemunhar do que o Senhor tem feito em nossa vida.

O cuidar das pessoas leva tempo, submissão de nosso horário e a desistência de críticas desinteressadas. Comunicaremos, com nossos rostos e atitudes, que estamos disponíveis para amar. Todos nós precisamos de irmãos e irmãs positivos e apoiadores na família da fé a fim de inverter a influência negativa das pessoas que têm sufocado nossa capacidade de dar e receber amor. Não há vocação mais excitante para o cristão do que ser um liberador de pessoas mediante expressões de amor humano, divinamente inspirado.

O amor pode exigir expressões muito específicas de ajuda material. João nos pressiona a isso. *“Ora, aquele que possuir recursos deste mundo e vir a seu irmão padecer necessidade e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra nem de língua, mas de fato e de verdade.”*

O ponto é que algumas pessoas não podem ouvir nossas palavras de amor até que o amor seja expresso de uma maneira que as convença que compreendemos aquilo por que passam. O ato de amor abre as portas dos corações das pessoas para que ouçam nossas palavras de amor. Concentre-se de novo nas pessoas que precisam de seu amor. Qual é a coisa única e pessoal que você pode fazer para ajudá-las em suas situações? O Senhor nos motiva a agir. Recusar a oportunidade debilitará a comunicação futura. Sei o que devo fazer. E você?

A retórica ascendente do apóstolo acerca do amor chegou até nós. As palavras sobre o amor ardem com a necessidade constrangedora de agir. É uma questão de vida ou morte para as pessoas que estão ao nosso redor. Podemos transmitir vida nova, ou podemos assassinar as pessoas lentamente com a ausência do amor.

#### **ORAÇÃO PARA O DIA:**

*“Senhor Deus do amor, agradecemos o teu tocar em nós com a urgência de amar. Tu nos criaste de maneira que não podemos encontrar realização sem teu amor e sem o amor que nos inspiras nos outros. Ajuda-nos a compreender o que significa dar a nossa vida pelas pessoas que se encontram ao nosso redor. Então, motiva-nos à ação, de modo que ao terminar este dia possamos sentir a excitação do amor nas formas pelas quais tu tens amado por meio de nós. Em nome de Cristo nosso Senhor. Amém!”*

#### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 6 Dia

| João 3.19-24

Tenha Dó – de Si Mesmo

*“E nisto conheceremos que somos da verdade, bem como, perante ele, tranquilizaremos o nosso coração; pois, se o nosso coração nos acusar, certamente Deus é maior do que o nosso coração, e conhece todas as coisas.”*

**1 João 3.19-20**

“Tenha dó!” é uma expressão familiar que usamos quando precisamos da compreensão, simpatia ou compaixão de alguém. Ela se baseia numa grande suposição. Como é que podemos ter certeza de que o coração da pessoa está cheio dessas qualidades? Consideramos o coração como o centro dos sentimentos. Mas o que está em nosso coração depende do que se encontra em nossa mente. Os valores, crenças e convicções da mente da pessoa controlam o que o seu coração expressa. Seria bom descobrir o que a pessoa pensa antes de pedir que ela tenha dó. A mente é o “centro de controle” do que é enviado ao sistema nervoso e emoções. Os hebreus compreendiam o coração como intelecto, emoção e vontade. As atitudes do coração fundamentam-se no que cremos. É melhor verificar quais são elas quando desejarmos que alguém “tenha dó” de nós.

O mesmo é verdade quanto a nossas atitudes para conosco. Somos dotados com a capacidade sublime e às vezes perturbadora da autoavaliação e exame. A grande necessidade da maioria de nós é ter dó da pessoa singular que vive em nós. Muitos de nós sofremos de falta de autoafirmação. A vida nos condicionou a ser muito duros conosco mesmos. Temos mais consciência de nossos defeitos que de nossas vantagens. Fracassos passados nos perseguem e roubam-nos o deleite do presente ou da emoção do futuro. É difícil estar em pé para a vida quando estamos tristes com nós mesmos. Autocondenação é o resultado de não atingirmos nossos próprios padrões e expectativas. Perdemos a alegria de viver porque sentimos não ter direito de desfrutar de nós mesmos, sabendo o que sabemos a respeito de nossos fracassos e oportunidades perdidas. Isto se torna uma síndrome. Nossa autodepreciação pavimenta o caminho para mais desapontamento.

Precisamos de um novo coração de amor e aceitação, afirmação e estímulo para nós mesmos. Mas isso não será possível sem uma nova maneira de pensar a nosso próprio respeito. Nosso coração necessita de sinais diferentes de nosso cérebro – uma nova objetividade baseada em algo ulteriormente confiável. Somente Deus pode fazer isso. Precisamos trocar a maneira de pensar a nosso respeito pela dele. “Dar-lhes-ei um novo coração” é uma antiga promessa de Deus que precisamos desesperadamente ouvir e receber.

Ter dó de nós mesmos é relacionar a pessoa interior com o mesmo amor e perdão que Deus nos mostrou em Cristo.

É esta a segurança poderosa do apóstolo em 1 João 3.19-24. Aparentemente os cristãos primitivos também sofriam da frustração inquietante da autocondenação. Amontoaram seus pecados e fracassos em um prato da balança. O apóstolo do amor equilibra a balança neste parágrafo liberador de sua carta: *“E nisto conheceremos que somos da verdade, bem como, perante ele, tranquilizaremos o nosso coração; pois, se o nosso coração nos acusar, certamente Deus é maior do que o nosso coração, e conhece todas as coisas”*.

Está aí a tônica para a nossa autoimagem murcha. Uma exposição completa desta seção é uma das experiências mais libertadoras que o cristão poderá conhecer. João explica a verdadeira base para se ter dó de nós mesmos. Ele nos mostra como receber um novo coração livre de autocondenação. Inicia começando um passado novo. Um pôster na parede da sala de reuniões de certo centro dos Alcoólatras Anônimos apresentava uma promessa magnífica: *“Comece um novo passado!”*. Podemos começar hoje a viver diferentemente em relação a nós mesmos de modo que nossos amanhã sejam parte de uma nova qualidade de ontens que ficarão na memória.

É esta a esperança que João tinha em mente ao dizer: *“E nisto conheceremos que somos da verdade”*. Aqui ele usa o futuro médio da palavra grega conhecer, ginosko. Ela dá a ideia de que nossos desafios e tribulações do futuro podem ser parte de nosso novo passado. Não é preciso que andemos a colher lembranças ruins para fazerem parte do banco de memória de nosso coração. Em cada crise ou oportunidade podemos tranquilizar o nosso coração perante Deus, na sua presença, poder e perspectiva. Quando somos tentados pela dúvida, podemos ousar focalizar nossa vida mediante as poderosas lentes de aumento do Calvário. Deus é por nós. Seus recursos nos estão disponíveis. Podemos abrir o coração perante ele. Segurança é o dom que ele tem para nós. Ele é mais do que capaz de lidar com o que acontece ao nosso redor e dentro de nós.

Este será o dom do Senhor quando *“o nosso coração nos acusar”*. Nunca sabemos quando isso vai acontecer. Muitas vezes ocorre quando despertamos no meio da noite e memórias espreitam nossa mente. Às vezes acontece num instante de calma durante um dia corrido. Outras vezes, somos apanhados numa hora inesperada de pressão. A reflexão se transforma em rumações de remorso. Se tão somente tivéssemos tido mais sabedoria e visão teríamos agido de modo diferente. Nosso coração negador de si mesmo nos diz: *“Se você tivesse sido mais eficiente não se encontraria nessa confusão. O que está errado com você? O problema tem de ser culpa sua!”*.

Todos nós temos conhecido horas como essa, mais do que gostaríamos de nos lembrar ou repetir. João usa a palavra kataginosko, conhecer e manter algo contra alguém. É o sentimento de desconfiança baseado em realização passada. Quando o sentimos a nosso respeito, ficamos imobilizados. Note as duas palavras, ginosko e kataginosko, usadas na mesma frase. Podemos saber que somos da verdade ou podemos saber que podemos construir um caso contra nós mesmos. Somos desafiados a aceitar o primeiro e a abandonar o segundo. Como podemos fazer isso? Aceitando que Deus é maior do que o nosso coração e conhece todas as coisas. Ele conhece todo o segredo de nosso coração, cada sonho do futuro,



cada pecado e fracasso do passado. Mas ele conhece algo mais. Muito mais! A onisciência do Senhor sempre está ligada ao seu amor e simpatia que se estendem até nós. Ele sabe o que já sofremos, ele vê o que fizemos, mas também exhibe o quadro do que quer que nós sejamos. Todas as nossas oportunidades perdidas são vistas à luz do que ele está pronto a fazer conosco se cooperarmos com seu Espírito. Ele jamais se decepciona com nosso passado. Ele é o Senhor de nosso futuro. Neste momento ele nos oferece a oportunidade de sermos tão perdoadores e termos um espírito de aceitação da pessoa alquebrada que reside dentro de nós como ele nos perdoa e nos aceita. Que alívio!

Agora estamos prontos para examinar o dom de um coração que não condena. João prossegue para esse ponto, dizendo: *“Amados, se o coração não nos acusar, temos confiança diante de Deus”*. Isto é o oposto do coração condenador. Não é uma afirmação de perfeição, mas da consciência da presença de Deus. É aí que se nos oferece o sinal seguro de um novo coração: confiança.

A palavra confiança, no grego, significa ousadia. É um grande termo do Novo Testamento. Foi usada para descrever a intrepidez, bravura e coragem dos discípulos depois do Pentecoste. O livro de Atos identifica o que aconteceu ao próprio João depois da plenitude do Espírito Santo. Os líderes judeus em Jerusalém ficaram pasmados pelo que observavam. *“Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus”* (Atos 4.13). Grande elogio!

Isto nos ajuda a compreender o que João está tentando comunicar nesta seção de sua carta. Intrepidez é o resultado de estar com Jesus. Anos de experiência com o Mestre, antes e depois do Pentecoste, ensinaram-lhe essa ousadia. Antes de receber ao Senhor ressurreto como o Espírito que nele permanece, a vida de João tinha dependido de sua própria astúcia e talento. Ele era competitivo em vez de ser confiante, constantemente comparando-se com os outros discípulos e competindo por posição. Suas ambições eram baseadas em suas próprias habilidades. Mas a crucificação destruiu tudo isto e depois do Pentecoste ele foi cheio de poder. Isso lhe deu ousadia a fim de viver corajosamente pelos dons do Senhor em vez de viver por sua própria coragem. E o resultado foi a capacidade de amar e de se importar com as pessoas, a começar por si mesmo.

Ousadia é a qualidade peculiar de um coração que não acusa. Expressa a intrepidez de pedir a Deus aquilo de que necessitamos. João rapidamente acrescenta à segurança da presença de Deus uma explicação do que essa ousadia perante Deus engendra: *“E aquilo que pedimos, dele recebemos”*.

É esse o antídoto para a dúvida. João podia muito bem se lembrar da oferta que o Senhor fizera repetidas vezes. Jesus sabia que nas horas de autocondenação precisaríamos de ter restaurada a nossa confiança diminuída. Ele sabia que Deus sempre estava mais pronto a agir do que nós a pedir. *“Por isso vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco”* (Marcos 11.24). *“Por isso vos digo: pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á”* (Lucas 11.9). Em seu próprio Evangelho, João registrou a lembrança da esperança do Senhor para os seus discípulos desanimados. Quando estamos desanimados com nós mesmos e com os resultados de nossos esforços, talvez seja porque tenhamos contado realizar a nossa tarefa com nosso próprio poder.

Jesus alarga nossa visão e nos lembra de que está disponível depois da ressurreição mediante o Espírito Santo. *“Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim, fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai”* (João 14.12). *“Em verdade, em verdade vos digo, se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele a concederá em meu nome”* (João 16.23). *“Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, viremos para ele e faremos nele morada”* (João 14.23). Nosso coração deve ser a morada do Senhor. De dentro, ele nos leva a pedir aquilo que ele está pronto a dar.

Podemos pedir tudo em oração, ao preenchermos a qualificação que João apresenta. *“Porque guardamos os seus mandamentos, e fazemos diante dele o que lhe é agradável.”* É esse o segredo! Nosso propósito na vida é fazer o que lhe é agradável. Temos uma única pessoa para agradar. Quando nos comprometemos a agradar ao Senhor, experimentamos prazer maior em nós mesmos do que nunca antes. O coração autocondenador pode ser curado.

João conclui com um teste duplo do ser agradável a Deus. Devemos crer no nome de seu Filho e amar uns aos outros. Isso dá a entender que devemos aceitar o poder e a autoridade do nome para o propósito básico de amar as pessoas. Nosso coração sempre nos condenará se não conseguirmos isso. Na realidade, o sentimento de desconforto é nosso sistema de alarme e nos diz que saímos do rumo. Se sentirmos o amor pelos outros crescer em nosso coração, podemos ter a certeza de que recebemos o resultado de crer no nome de Jesus Cristo. Ele estará amando as pessoas por nosso intermédio.

Outro dia um meu amigo disse: - Eu disse a mim mesmo: *“ego, escute aqui!”*. À luz da mensagem comovedora de João, que você tem a dizer à pessoa que habita o seu interior? O Senhor usou esta passagem a fim de nos ajudar a ver e aceitar o eu interior. A grandeza daquele que conhece todas as coisas nos ajuda a ter simpatia e a perdoar. Ele nos mostra não apenas o que fizemos, mas também o que fomos criados para fazer e que desejamos fazer. Thomas Kempis disse: *“O homem vê o ato, mas Deus conhece a intenção”*. O Senhor nos julga não apenas por nossas intenções, mas pelos anseios que podem não ter se tornado ações e sonhos que podem jamais se realizar. Contudo, essa segurança se torna a fonte da força de ousar o que poderíamos jamais ter tentado. O temor do fracasso é liberado.

Um antigo provérbio francês diz: *“Conhecer tudo é tudo perdoar”*. E Deus a tudo conhece. Nosso coração recebeu um grande dom. Amor a nós mesmos. Sabendo disso, agora posso dizer com uma ênfase diferente daquela com que comecei este capítulo, *“tenha dó - de si mesmo!”*.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 7

## Dia

| João 4.1-3

### Provando os Espíritos

*“Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes,  
provai os espíritos se procedem de Deus.”*

**1 João 4.1**

Não sou caçador de heresias. Não tenho prazer algum em rebuscar a teologia dos outros a fim de encontrar nelas distorções. Meu negócio é pessoas. O que acontece com elas por causa do que creem é meu interesse apaixonado. Creio que fazemos o que fazemos por causa do que cremos. Quando nossas crenças são confusas, nossa vida reflete confusão. É porque amo as pessoas que me preocupo com causas que se tornam excursões excêntricas para fora do centro da verdade, ou com psicodinâmicas da moda que substituem o senhorio de Cristo.

Como sabemos ser isto verdade? Como posso discernir o que é melhor entre as mercadorias oferecidas hoje? Qual é o teste seguro de que algum esforço é digno de nossos recursos? Sobre que base devemos fazer nossa escolha de uma congregação local para culto, comunhão e estudo? Quais das muitas organizações que buscam aliviar o sofrimento humano merecem a nossa contribuição? Como gastaremos os breves anos de nossa vida?

João nos diz que provemos os espíritos. Meu coração de pastor novamente pulsa com o do apóstolo. Ele se interessava pelos cristãos e pelo perigo de serem levados em todas as direções de crenças e lealdades distorcidas. O problema principal, como já vimos em capítulo anterior, era que muitos amigos queridos haviam sido atraídos para fora da comunhão pelos mestres gnósticos. Isso deixou a igreja com sentimentos ambivalentes. Amavam a seus antigos membros, mas estavam perturbados por suas crenças recém-encontradas. Todos nós sabemos o que isso significa; pessoas a quem amamos, cujas convicções nos perturbam.

Afinal, é o amor que traça a linha divisória - por amor deles, como também de nós, e pela pureza da igreja. João nos oferece a base para a avaliação. Ele nos mostra como reconhecer o espírito cuja fonte é Deus e o espírito que tem a raiz no anticristo. A prova é o reconhecimento público de que Jesus veio em carne e é o Cristo. Qualquer pessoa que não confessar esta convicção básica acerca de Jesus tem uma fonte que não é Deus.

Já tocamos no problema gnóstico que João tinha pela frente. Agora devemos lidar com ele mais profundamente. Os gnósticos tiravam seu nome da palavra grega gnosis, que significa conhecimento. Gabavam-se de um conhecimento superior e esotérico acerca de como o mundo foi criado, de como o mal existia e de como o indivíduo podia adquirir uma sabedoria especial e oculta acerca da natureza das coisas. O gnosticismo assegurava que Deus se encontrava distante e não se importava com o mundo. A criação ocorreu como resultado de uma série de emanações, cada uma delas mais distante de Deus. A mais distante finalmente criou o mundo. Esta ideia se baseava na pressuposição de que Deus é espírito e bom; o mundo

material é mau e não pode ter contato com Deus. Ele permitiu a criação do mundo mediante emanções separadas e delegadas, mas não tinha contato algum com ele. A ideia de que algumas dessas emanções eram angélicas e outras, com o tempo, tornaram-se antagônicas a Deus era a fonte da explicação do mal no mundo.

As teorias simplistas eram baseadas no raciocínio filosófico. Apegando-se à ideia de que toda matéria era má, os gnósticos afirmavam que a carne era igualmente má. Mas o que fazer com a encarnação de Deus em Jesus Cristo? Esta se tornou a questão candente no conflito com a igreja. Os cristãos audazmente proclamavam que Deus tinha vivido na carne, em Jesus, o Messias. Os gnósticos contra-atacavam com o ensinamento de que se Jesus era o Filho de Deus, ele não podia ter habitado na carne. Portanto, diziam eles, ele era uma das muitas emanções angélicas de Deus. Ele não podia ter vivido como homem, sofrido na cruz, nem ressuscitado dentre os mortos. Como verificaremos mais tarde, alguns aceitavam a singularidade de Cristo, mas sugeriam que o espírito havia descido sobre o homem Jesus e saído logo antes da crucificação.

Além da confusão dos mestres filosóficos, a igreja também era perturbada pelas compulsões de uma irmandade ascética e mística chamada essênios. Possuíam a mesma estrutura intelectual vacilante dos gnósticos, mas se distinguiam pelo legalismo mosaico. A estranha raça de essênios perturbava a igreja com a exigência de que os cristãos deviam preencher os regulamentos e requisitos do Judaísmo, tornando-se judeus em todos os aspectos. Eram os vigilantes de sua espécie de legalismo. O casamento, o comer carne de animais, o prazer corporal e qualquer deleite nos prazeres da vida estavam sujeitos ao juízo deles. Tinham ritos e rituais elaborados que iam muito além da tradição de Moisés. A estranha mistura de gnosticismo, legalismo fanático e mistérios religiosos esotéricos também incluía a adoração do sol e uma gradação elaborada de anjos.

Tudo isso pode nos parecer bizarro e ridículo até compreendermos o que deve ter sido ser cristão sob esse tipo de pressão. O nosso pot-pourri religioso não é muito melhor hoje. Nós também confrontamos tanto os equívocos a respeito de Cristo como as proclamações dos moralistas que creem poder mudar o mundo regulando o comportamento das pessoas.

João foi muito direto. Podemos provar os espíritos pelo Espírito de Cristo. Ele permanece em nós. Somente o que aprofunda nosso relacionamento com ele é válido. Crença ou filosofia alguma que nega que ele veio na carne como o Messias no centro da história é digna de qualquer atenção. O teste supremo de qualquer movimento ou causa é se apresenta Cristo como a única esperança, se leva as pessoas a um relacionamento com ele e se estende as implicações do evangelho até os assuntos da sociedade. Isso elimina muitos dos apelos por nossas doações e por horas preciosas de nosso tempo.

Descobri que a prova de João funciona. Os desejos das pessoas, a necessidade de aceitação, e os apetites vorazes de nossos próprios egos podem nos levar a um beco sem saída após o outro. Precisamos discernir o espírito que se encontra por trás de todas as empresas e oportunidades e também o que dá rumo a ideias e organizações religiosas. O Espírito de Cristo em nós nos guiará se estivermos dispostos. Então podemos perguntar:

1. Cristo é glorificado?

2. As pessoas que participam desse movimento creem em Cristo como Senhor e Salvador?

3. Está o máximo irreduzível da encarnação no centro: que Deus esteve em Cristo, reconciliando consigo o mundo; que viveu na carne, serviu como o Messias, morreu pelos pecados do mundo, ressurgiu e está agora conosco?

4. As pessoas serão introduzidas ao evangelho em sua inteireza e conhecerão a Cristo como Senhor e Salvador pessoal?

5. É o amor do Senhor a base do desejo de cuidar das pessoas e de suas necessidades?

6. Estenderá tal causa o reino de Deus nas vidas e estruturas da sociedade?

O Cristo que permanece em nós também nos ajudará a discernir o espírito das pessoas. Receberemos visão intuitiva profunda. O Cristo em nós sempre responde ao Cristo na outra pessoa. Sabemos quando uma pessoa pertence a ele. Mas aqui, repetimos, o que ele significa para elas será exposto por sua crença na encarnação histórica e atual mediante o Espírito Santo. A prova das ideias ou projetos das pessoas será determinada pela qualidade da sua vida como extensão do amor de Cristo e se são para o bem de todas as pessoas que neles tomam parte.

Fomos equipados para ouvir, refletir, sentir e absorver o impacto da autenticidade da pessoa ou a falta dela. Provar os espíritos não pode ser definido como avaliação fácil sem responsabilidade. Se discernimos o Espírito de Cristo, somos chamados para dar apoio; se não, somos chamados para o cuidado e interesse a fim de ajudar a pessoa a chegar a um relacionamento liberador com Cristo. Não é preciso que sejamos *“agitados de um lado para outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro”* (Efésios 4.14). Ao saber quem somos porque reconhecemos a quem pertencemos e quem vive em nós, experimentaremos novo discernimento e nova disposição.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?